

Áreas indígenas finalmente demarcadas

O pesquisador e indigenista Jesko Von Puttkamer Filho, da equipe do Instituto Goiano de Pré-História e Arqueologia, da Universidade Católica de Goiás, acaba de percorrer de Jippe toda a estrada de Goiânia às reservas indígenas do Vale do Guaporé, em Rondônia.

"Estou impressionado com a demarcação das reservas indígenas, feita com justiça pela Funai e pelo Serviço Geográfico do Exército" — disse ele a O POPULAR, acrescentando que até novembro, conforme informações da Fundação Nacional do Índio, as reservas estarão todas demarcadas. Muitos fazendeiros, em consequência, tiveram que deixar as terras, que ocupavam, como o dono da Fazenda São Domingos, no Guaporé, que perdeu dois mil alqueires de pasto já formado.

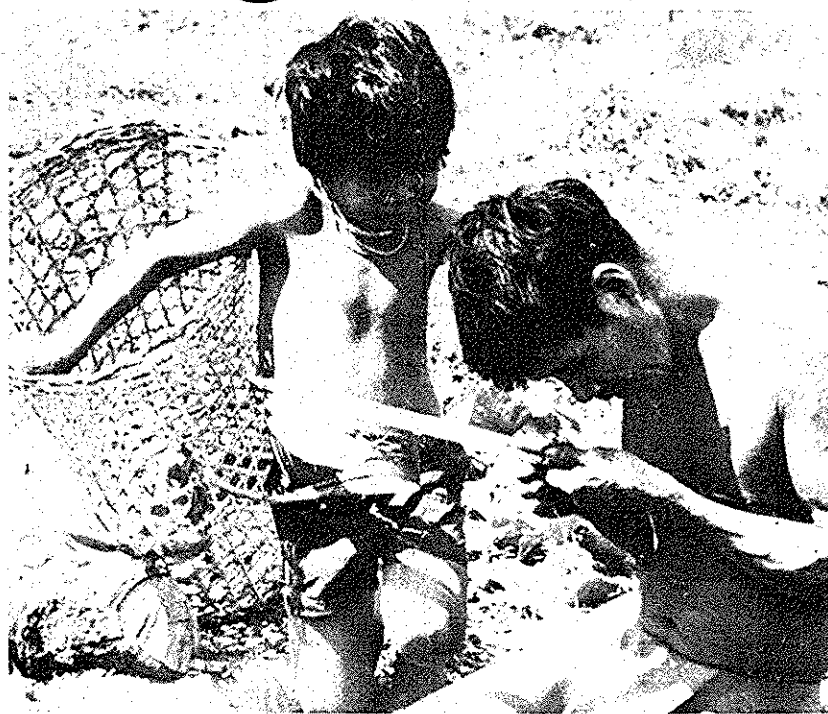
Jesko Puttkamer sofreu um acidente na excursão e se recupera, numa cadeira de rodas, de um ferimento numa das pernas.

MUITO SÉRIO

Ele considerou como bastante sério o serviço que está sendo feito sob a orientação do novo presidente da Funai. Além da demarcação das reservas, os índios recebem tratamento médico e odontológico. "São notáveis a coragem e a audácia do pessoal que está demarcando as terras, que entram pelas matas, pegando malária e abelhas daquelas que sugam o suor" — comentou.

O pesquisador fez questão de ressaltar que há na região uma grande alegria pela volta do sertanista e indigenista Apoena Meirelles, filho de Francisco Meirelles, à direção da 8ª Delegacia Regional da Funai, em Porto Velho. Apoena, conforme explicou, havia deixado esse posto por discordar da política que vinha sendo adotada na Fundação. "Agora, ele retorna, atendendo a um convite feito pelo presidente da Funai, seu amigo, mesmo sabendo que irá sofrer prejuízos financeiros, pois em Cuiabá onde cuida de uma firma de pneus, ganha Cr\$ 1,5 milhão, enquanto que em Porto Velho receberá apenas a metade desse valor, além de ser gravemente caluniado. Mas sua questão não é vender pneus, mas continuar a obra do pai, Francisco Meirelles", salientou Jesko Puttkamer Filho.

Ressaltou também que o mesmo pessoal que Apoena deixou na Delegacia continua lá até hoje, na linha de frente, comandando as frentes de atração, principalmente dos



Dois nambicuaras, que já vivem em suas reservas demarcadas



Na área indígena, a placa indicativa da Funai

Urueu-wau-wau, que em grande quantidade já confiam no trabalho da Funai, valendo-se, inclusive, das grandes plantações de mandioca que existem no Posto de Jamari, "além de já compreenderem que a Fundação Nacional do Índio está ali para defendê-los e as suas terras". Lembrou o pesquisador que os índios já entenderam que há uma grande diferença entre o pessoal da Funai e os seringueiros, garimpeiros etc. É bom ressaltar, acrescentou, que até o Chefe Canidê, tem ido a Porto Velho, de avião, para tratamento de saúde.

CASA DO ÍNDIO

Em Vilhena, Rondônia, o pesquisador fez uma visita à Casa do Índio, e se manifestou impressionado com o trabalho que ali vem se realizando. "Na verdade, essa casa é um grande hospital, para onde os índios provenientes de suas aldeias se dirigem, buscando tratamento e saúde. "Encontramos ali índios parecidos, nambicuaras e outros. Todos eles bem tratados e alimentados, com assistência médica de todos os tipos".

Jesko Puttkamer observou que esse trabalho está sendo possível, em parte, devido a ajuda que o Banco Mundial vem prestando às comunidades indígenas, através da Fundação Nacional do Índio. "Muitos silvícolas se modernizam e se aculturam à sociedade". Jesko explicou ainda que muitos chefes quando voltam para suas terras anteriormente ocupadas, como é o caso dos suruí, não destroem as casas construídas pelos fazendeiros, mas ficam nelas e passam a cuidar bem do café, da seringueira e da madeira. Ele disse ter visto ainda índio suruí com pasta tipo 007 debaixo do braço, com relógio de pulso, o que demonstra uma aculturação muito rápida. Viu ainda um chefe Itapira cuidar bem de 12 mil pés de café.

SEM MORTES

Jesko frisou que nas conversas que manteve com a Funai ficou sabendo que neste ano, até o momento nenhum silvícola morreu na região. Ele diz que está ansioso para saber o que os nambicuaras vão fazer com as terras que agora estão lhe entregando em decorrência da demarcação das reservas indígenas. São fazendas com capim colônio, já formado, como a de São Domingos, de dois mil alqueires. Demonstrando otimismo, diz que acredita que eles façam o mesmo que os índios suruí,

que cuidem bem de suas terras, com a orientação dos técnicos agrícolas da Funai, que são pagos com uma verba especial do Banco Mundial.

Mais uma vez, Jesko volta a ressaltar o processo de aculturação que ele pôde perceber por todos os lugares que visitou, coisa impossível de se pensar há anos atrás. Ele acredita que tudo isso pode estar acontecendo devido à nova política da Funai, que possibilita a integração dos índios, devolvendo-lhes às suas terras e dando-lhes assistência médica e odontológica e orientando-os nos trabalhos que desenvolvem.

AVIAGEM

Jesko von Puttkamer Filho, que é pesquisador da Universidade Católica de Goiás, fez a viagem pela BR-364, partindo de Cuiabá e indo até Rondônia. Ele ressaltou que essa rodovia atravessa leitos fertilíssimos e vulcânicos, grandes fazendas já formadas, com capim e florestas ricas em madeira, principalmente o mogno e cerejeira. Com uma fauna exuberante e rica em minerais, especialmente o ouro e estanho, a região, segundo o pesquisador, tem atualmente uma migração muito forte, principalmente de sulinos, gaúchos, catarinenses e nordestinos, que foram há 70 ou 80 anos os pioneiros naquela parte do Brasil.

Observando todos os detalhes da região, Jesko visitou várias aldeias, conversou com o pessoal da Funai, com os homens do Serviço Geográfico do Exército, com os índios cintas-largas, nambicuaras, suruí, Urueu-wau-wau e parecis, principalmente no Vale do Guaporé, onde houve uma invasão das reservas indígenas e que agora retornam novamente às suas mãos. O pesquisador conversou demoradamente com o general Barretos e o capitão Nilson, do Exército, que lhe explicaram o trabalho que realizam na região.

OUTROS ASPECTOS

Em sua viagem, conheceu outros aspectos da região, como as cavernas do Galera, habitadas por migrações da Pré-História, o Museu Rondon em Vilhena, onde está presente um grande documentário sobre os habitantes da região, os índios tupis e suas urnas, além de seu modo de viver e de trabalhar. Com uma grande documentação e fotos, Jesko acredita que será em torno da rodovia 364, que vai de Cuiabá ao Acre, passando por Porto Velho, que estará a redefinição do Brasil.